

O BOLSONARISMO ENQUANTO ELEMENTO DA CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA: análises teóricas e historiográficas (1999-2023)

Gabriel Lopes Silva¹

Artigo recebido em: 03/02/2025.

Artigo aceito em: 17/05/2025.

RESUMO:

Este artigo tem como principal objetivo compreender o bolsonarismo enquanto um elemento da cultura política brasileira. As declarações feitas por Bolsonaro nos anos 1990 serviram de alicerce tanto para ele quanto para sua base eleitoral, promovendo a disseminação de ideologias, sentimentos e outros elementos que se aproximam da noção de cultura política. Analisamos o conceito de cultura política por meio da historiografia de autores como Serge Bernstein, que dialoga com a Nova História Política, e fundamenta a metodologia adotada, além de permitir identificar o bolsonarismo como um fenômeno político representativo do Brasil contemporâneo. Para realizar essa pesquisa utilizamos como fontes o discurso de Bolsonaro e o projeto de governo do ano de 2017, disponibilizado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). A pesquisa apresenta certo ineditismo, pelo fato de trazer uma perspectiva interdisciplinar, mesclando História com Ciências Sociais para analisar um fenômeno contemporâneo, podendo servir de leitura para pesquisadores de ambas as áreas.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonarismo; Cultura Política; Extrema Direita.

Bolsonarism as political culture: theoretical and historiographical analyzes (1999-2023)

ABSTRACT:

This article aims to understand Bolsonaroism as an element of Brazilian political culture. Statements made by Jair Bolsonaro in the 1990s laid the groundwork both for his political trajectory and for the consolidation of his electoral base, promoting the dissemination of ideologies, sentiments, and other components closely tied to the notion of political culture. We analyze the concept of political culture through the historiography of authors such as Serge Bernstein, whose work aligns with the New Political History and underpins the methodology adopted in this study. This approach allows us to identify Bolsonaroism as a politically significant phenomenon in

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3851579279764427>. E-mail: gabriellopessilvamg@gmail.com. Faz parte do Grupo de Pesquisa e Estudos do Pensamento Autoritário (UNIMONTES) e também do Centro de Estudos em Teorias da História e Historiografias (Cethas) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

contemporary Brazil. To conduct this research, we use Bolsonaro's public speeches and his 2017 government plan, made available by the Superior Electoral Court (TSE), as primary sources. The study presents a degree of originality by offering an interdisciplinary perspective that combines History and the Social Sciences to analyze a contemporary phenomenon, making it a relevant contribution for scholars in both fields.

KEYWORDS: Bolsonarism; Political Culture; Far Right.

1. Introdução

Este artigo busca compreender o fenômeno do bolsonarismo como um elemento da cultura política brasileira. Antes de entrar na análise da cultura política, no primeiro tópico, fazemos uma análise conceitual do termo “bolsonarismo”. A realização dessa análise, dar-se-á pelo motivo de ser um conceito ainda frágil, não somente por se tratar de uma categoria contemporânea, mas, porque “não está claro que haja algum consenso sobre o conteúdo desse conceito” (Nunes, 2024, p. 1). O professor de Teoria Política, Rodrigo Nunes, vai destacar que

Falar no bolsonarismo como convergência implica entendê-lo como o encontro de um conjunto de elementos pré-existentes, que já eram amplamente disseminados em diferentes setores da sociedade brasileira, e que ganharam uma identidade coletiva e uma direção política pela primeira vez durante a campanha presidencial de 2018. Isso quer dizer que devemos entender o papel de Jair Bolsonaro como o de um catalisador, não um demiurgo; como contingente em vez de necessário (Nunes, 2024, p. 2)

Na concepção de José D'Assunção Barros, os conceitos são formulados a partir de contextos específicos e servem como ferramentas analíticas para tornar inteligíveis fenômenos complexos. O bolsonarismo é entendido como uma expressão política contemporânea de extrema direita, caracterizada pela mobilização em torno de Jair Bolsonaro, seu eleitorado e as ideologias que o sustentam, como o anticomunismo, militarismo, anti-intelectualismo, conservadorismo social e defesa do armamento. O texto busca destacar que, embora amplamente associado ao governo de Bolsonaro (2018-2022), os elementos que compõem o bolsonarismo remontam à década de 1990, com discursos radicais e autoritários de Bolsonaro, ainda como deputado federal.

As fontes analisadas nesta pesquisa são baseadas nos discursos de Jair Bolsonaro, além de uma análise do projeto de governo do ex-presidente, intitulado “Projeto Fênix”. A metodologia poderia se encaixar na análise de discurso, mas não ficando somente neste campo metodológico. Dessa forma, esse trabalho também se encaixa propriamente na metodologia da História Política, abordando o campo da História do Tempo Presente. Surgida nos anos 1970, essa perspectiva da Nova História Política “foi grandemente estimulada pelo contato com as ciências sociais e com as trocas com outras disciplinas” (Remond, 1996, p. 29), ampliando as possibilidades de investigação para os historiadores políticos.

Com essa mudança, o foco do estudo deixou de ser exclusivamente o Estado e suas instituições, voltando-se para as variadas formas de poder que se expressam nas dinâmicas sociais. Com a renovação da História Política, os pesquisadores passaram a focar não apenas nas elites e nas instituições estatais, mas também nos diversos atores sociais e políticos, reconhecendo a sociedade civil como um espaço de lutas e disputas de poder. Esse movimento ampliou as perspectivas de pesquisa, permitindo o estudo das massas, movimentos coletivos e das mentalidades políticas que moldam a trajetória das sociedades.

É nesse panorama que a pesquisa se baseará ao estudar o bolsonarismo. É válido ressaltar que a escolha do recorte temporal implicará no uso do campo da História do Tempo Presente já que “René Remond afirmava, de forma pioneira, que era irreversível a inserção da História do Tempo Presente como um campo disciplinar novo das ciências humanas” (Silva; Schurster, 2023, p. 38). A partir de Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schurster, podemos entender a História do Tempo Presente como um campo da História Política, em que esse método

reside na aplicação rigorosa do método histórico na construção explicativa da relação passado/presente. O entendimento das estruturas de longa duração e do seu peso sobre as práticas sociais, políticas e mentais do presente supõe uma percepção histórica, um mergulho em profundidade, nos processos em curso no Tempo Presente (Silva; Schuster, 2023, p. 38)

O fato de esses elementos remontarem a um passado, apresentando características de uma cultura política no final do século XX e se consolidando no século XXI, mesmo não trazendo algo inédito e sim ressignificado, nos levou a indagar se o bolsonarismo poderia ser considerado como um elemento desse fenômeno. Com isso, buscamos analisar por meio da historiografia de autores que dialogam com a determinada temática, como Serge Bernstein, Gabriel Almond e Sidney Verba, por anteceder os estudos de René Rémond e outros historiadores franceses, que abordaremos com maior ênfase. O texto também realiza uma análise da influência sobre os comportamentos e a relação dos indivíduos com o sistema político. O conceito de cultura política é descrito como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva” (Motta, 2009, p. 9).

Podemos entender que elementos “como a anticorrupção, a preocupação com a segurança pública e o anticomunismo” (Jesus et al., 2024, p. 483), além do antipetismo e a construção de uma liderança messiânica em torno de Bolsonaro são centrais para esse movimento. O discurso bolsonarista, baseado em um imaginário político que remete ao medo da subversão e à defesa de valores tradicionais, articula estratégias digitais e narrativas históricas para consolidar apoio. “Este anticomunismo se nutre, sobretudo, do antipetismo e de uma atitude de caráter reacionário frente às políticas sociais do Partido dos Trabalhadores (PT)” (Jesus et al., 2024, p. 482).

É analisado também, o uso do humor e da mídia para propagar ideias radicais, bem como o negacionismo científico e histórico, evidenciado na negação da Ditadura Militar e das eleições de 2022. A radicalização de parte do eleitorado bolsonarista culminou nos atos de 8 de janeiro de 2023, ilustrando a materialização de ideologias defendidas pelo movimento. O bolsonarismo apresenta características de uma cultura política própria, com mitos, ritos e símbolos, como a camisa da seleção brasileira, que reforçam seu imaginário político e sua identidade coletiva.

Além disso, o lema inspirado na Ação Integralista Brasileira (AIB): “Deus, pátria, família e liberdade” reflete uma continuidade discursiva e simbólica,

reforçando valores nacionalistas e religiosos. A apropriação de símbolos, como a camisa verde-amarela e a oposição às cores vermelhas associadas ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao comunismo, exemplifica a construção de um imaginário político que enfatiza a luta contra um inimigo comum e a defesa de valores tradicionais. Esse uso simbólico busca criar coesão interna e legitimar o projeto político bolsonarista, embora revele limites e perigos ao deslegitimar vozes divergentes e intensificar a polarização social.

Portanto, este artigo busca apresentar uma análise teórica e historiográfica detalhada sobre o fenômeno político do bolsonarismo, tratando-o como um elemento da cultura política brasileira e explorando suas raízes históricas, simbologias e estratégias discursivas. A relevância dessa pesquisa para o meio acadêmico reside na contribuição para o entendimento de fenômenos políticos contemporâneos, destacando como ideologias e práticas políticas se conectam a heranças históricas e culturais, mas também como são ressignificadas em novos contextos.

O estudo poderá contribuir para debates sobre democracia, autoritarismo e polarização no Brasil e no mundo. Para a sociedade, o trabalho oferece uma ferramenta crítica de reflexão, ao contextualizar as narrativas em um panorama histórico mais amplo, permitindo uma compreensão mais profunda das dinâmicas políticas que influenciam a vida pública e as relações sociais. Ao conectar o bolsonarismo a processos históricos e culturais, este artigo não só amplia a compreensão acadêmica sobre o tema, como também alerta para os desafios e os riscos da utilização de símbolos e narrativas que intensificam divisões sociais e políticas. Assim, a análise proposta contribui para fomentar debates fundamentados e plurais, essenciais para a preservação de valores democráticos e o fortalecimento do tecido social.

2. O conceito de bolsonarismo

Segundo José D'assunção Barros, uma palavra ou expressão pode transformar-se em conceito dentro de perspectivas teóricas específicas, “o que traz uma palavra (ou uma expressão) o status de conceito, em muitos casos, é o campo no

qual ela se encontra” (Barros, 2016, p. 29). Os conceitos são caracterizados por mobilizarem, em si mesmos, dinâmicas de conteúdo que estabelecem, internamente, pontes e relações com outros conceitos; além disso, sua estrutura inclui componentes conceituais que mantêm relações específicas entre si. Barros entende que

um conceito pode ser entendido como uma formulação abstrata e geral, ou pelo menos uma formulação passível de generalização que o indivíduo pensante utiliza para tornar alguma coisa inteligível nos seus aspectos essenciais e fundamentais, para si mesmo e para outros (Barros, 2016, p. 41)

Reinhart Koselleck destaca ser “importante analisar o uso dos conceitos em sua determinada época e local” (Koselleck, 1992). Nesse sentido, trazemos para esta análise o conceito de “bolsonarismo”, um termo que é utilizado, em tese, para se referir ao campo político, retratando o período de governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), o seu eleitorado, que são diversas vezes rotulados como “bolsonaristas” e as ideologias compartilhadas por esse eleitorado, que são elementos que se encaixam nesse conceito. A articulação dos conceitos, conforme sugerido por Barros (2016), e a análise histórica proposta por Koselleck (1992), são fundamentais para entender como o “bolsonarismo” pode ser estudado.

Para Barros (2016), o conceito é uma construção que organiza a realidade, e o “bolsonarismo” precisa ser analisado em suas dinâmicas internas, nas relações com outros conceitos e nas transformações ideológicas e políticas que ele carrega. Já para Koselleck (1992), a análise histórica do “bolsonarismo” implica situá-lo dentro de um período específico, com suas disputas e transformações políticas, sociais e culturais. O “bolsonarismo” não é uma ideia fixa, mas algo que emerge e se transforma dentro de um contexto histórico determinado.

Porém, nota-se que as ideias que vimos nos últimos anos são proferidas por Bolsonaro desde os anos 1990, o que nos leva a analisar o bolsonarismo como um forte elemento da cultura política brasileira, ponto a ser analisado no próximo tópico. Barros (2016) afirma que “os conceitos ajudam os historiadores e cientistas sociais a organizarem o céu (ou o inferno) que pretendem examinar” (Barros, 2016, p. 23).

Dessa forma, podemos entender o conceito de bolsonarismo como uma ferramenta analítica para ajudar a compreender melhor o fenômeno em análise.

O bolsonarismo, também pode ser entendido como uma força política da extrema direita, pelo fato de possuir matrizes desse fenômeno político. Características como a mobilização em torno de um líder carismático, ações em defesa do capital e da propriedade, incentivo ao armamento da população, forte discurso anticomunista, entre outros, são elementos que ligam o fenômeno político brasileiro à política de extrema direita, notando que há até mesmo traços fascizantes no bolsonarismo, como o desprezo pela democracia, o comportamento de um político antissistema, ultrancionalismo (pátria acima de tudo), exaltação de sociedades militarizadas desde a infância, negacionismo científico, tem obsessão com o militarismo e o armamentismo, por isso alimentam uma guerra permanente contra qualquer coisa que identifiquem como inimigo, entre outras características. Há um certo cuidado minucioso dentro da academia em analisar tais fenômenos sob a ótica fascista, enxergando como algo novo, conceituando-o de “populismo radical de direita”, “neofascista”, “mas na verdade não apresentava nada de novo” (Mudde, 2022, p. 27).

Jefferson Barbosa, professor de Teoria Política da UNESP/FFC, comenta que “existe no debate científico conceitual e rigoroso a interpretação da nomenclatura fascismo como uma categoria transnacional mais ampla, com expressão no debate da bibliografia especializada sobre o tema” (Barbosa, 2022, p. 37). Destarte, é possível fazer algumas aproximações do bolsonarismo com o fascismo histórico, apontando aproximações e também suas distinções. Autores como Francisco Carlos Teixeira da Silva e Karl Schurster, entendem que o conceito de “bolsonarismo, embora vago e difuso, caracteriza-se por um doutrina racista, autoritária, excludente e pelo cultivo do ódio e da mentira - as *fake news* - como forma de mobilizar seus militantes” (Silva, Schurster, 2023, p. 135). Ricardo Nunes, analisa que, assim

como assinalou Isabela Kalil, o maior feito do bolsonarismo foi ter conseguido que todos esses diferentes elementos - militarismo, anti-intelectualismo, empreendedorismo, anticomunismo, libertarianismo econômico, discurso anticorrupção, conservadorismo social - convergem em torno de uma única figura: o “cidadão de bem” (Nunes, 2022, p. 29)

Barros (2016) enfatiza que os conceitos surgiram da necessidade humana de ir além da simples nomeação das coisas – prática antiga usada nos processos de comunicação – para compreender com maior precisão as características de cada fenômeno ou objeto. Essa “vontade de conceito” buscava delinear de forma clara essas características e, em seguida, agrupar casos específicos em categorias mais amplas, elaboradas com atenção às suas implicações e às possíveis relações e contrastes entre si (Barros, 2016, p. 14).

Podemos entender que o termo bolsonarismo, apesar de ser bastante utilizado pela mídia, incluindo as redes sociais, e até nas universidades, é um termo que ainda não há um certo consenso sobre ele. Diversas características encontradas no que chamamos de bolsonarismo são elementos que já existiam, como é o caso da retórica anticomunista ferrenha, o militarismo e o anti-intelectualismo. São aspectos que transcendem a figura de Jair Bolsonaro. Contudo, podemos entender essa conjuntura como um elemento da cultura política, pois entendemos cultura política como um conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro (Motta, 2009, p. 9).

É importante compreender o bolsonarismo como um fenômeno que se manifesta antes mesmo da eleição de Jair Bolsonaro à presidência, especialmente a partir de suas declarações nos anos 1990, nas quais ele defende a Ditadura Militar e até mesmo uma guerra civil². Em 1999, durante uma entrevista ao Câmera Aberta, da emissora Bandeirantes, Bolsonaro, então deputado federal na época, alegou que o “voto não vai mudar nada no Brasil”, e que se fosse presidente da República, não teria a menor dúvida de que fecharia o Congresso Nacional, afirmando que daria golpe no

² Folha de São Paulo. Nos anos 90, Bolsonaro defendeu novo golpe militar e guerra, 3 de jun. 2018. Acesso em 18 de nov. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/nos-anos-90-bolsonaro-defendeu-novo-golpe-militar-e-guerra.shtml>

mesmo dia e partiria logo para a ditadura, como foi noticiado pelo jornal Estado de Minas³.

O ex-presidente compartilhava outras ideias radicais em entrevistas concedidas desde os anos 1990 enquanto atuava sob o cargo de deputado federal. O que podemos notar, é que a presença do que remetemos ao bolsonarismo hoje já existia no discurso dele desde muito tempo atrás e com o passar dos anos, o discurso radical foi se intensificando até chegar na sua eleição para presidente, em 2018. As ideias proferidas por Bolsonaro nos anos 1990 serviram como base futura para ele próprio e também para sua base eleitoral, compartilhando ideologias, sentimentos, entre outros, algo próximo à ideia de cultura política. Gabriel Almond e Sidney Verba, entendem cultura política como um termo que se refere a um conjunto de orientações e atitudes políticas compartilhadas pelos indivíduos de uma sociedade em relação ao sistema político e aos papéis que os mesmos assumem enquanto agentes políticos (Almond, Verba, 1963, p. 12-13).

Ressalta-se a importância de entender que esse fenômeno político brasileiro contemporâneo não se restringe somente ao período de 2018 a 2022, época em que Bolsonaro atuou como presidente da república, mas que tais ideologias foram propagadas pelo mesmo bem anteriormente, como é o caso dos exemplos citados dos anos 1990, e as ideias ainda são propagadas e continuam vivas na contemporaneidade, mesmo após Bolsonaro perder as eleições de 2022 e se tornar inelegível.

3. O bolsonarismo como uma cultura política brasileira

O conceito de cultura política surge da tentativa de compreender as dimensões subjetivas que ajudam a explicar os comportamentos políticos dos indivíduos em relação ao sistema político. Nesse sentido, valores, crenças, sentimentos e conhecimentos são destacados como elementos que motivam e orientam as atitudes e direcionamentos dos atores políticos. Nesse aspecto, Almond e Verba destacam o

³ Estado de Minas. Bolsonaro defende guerra civil no Brasil e sonegação de impostos em vídeo de 1999, 29 de ago. 2018. Acesso em 18 de nov. 2024. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/08/29/interna_politica,984474/bolsonaro-defende-guerra-civil-no-brasil-e-sonegacao-de-impostos-em-vi.shtml

“estudo da cultura política democrática e as estruturas sociais que a sustentam” (Almond; Verba, 1963, p. 1). Os agentes enfatizam que a cultura política não é homogênea e se manifesta de formas distintas em diferentes sociedades, sendo influenciada por contextos históricos, sociais e econômicos, existindo uma pluralidade de culturas políticas em cada nação.

Sendo assim, o estudo das interações entre os valores culturais e as instituições políticas torna-se essencial para compreender como a cultura política molda a estabilidade e a funcionalidade de um sistema democrático. Assim, os autores introduzem o conceito de “cultura cívica”, que combina elementos participativos, parciais e passivos, formando uma base de equilíbrio para a consolidação da democracia. Essa abordagem ressalta a importância de investigar como os indivíduos percebem e interagem com o sistema político, considerando tanto suas experiências pessoais quanto os processos sociais que definem suas perspectivas políticas.

Serge Bernstein analisa que o estudo da cultura política tornou-se um campo de interesse para os historiadores devido à busca por compreender os comportamentos políticos. Dessa forma, a cultura política é vista como uma via para os pesquisadores explorarem as motivações que levam os indivíduos a adotar determinadas ações políticas, podendo ser entendida como um conjunto de normas, valores, tradições, práticas e representações que são compartilhadas e vivenciadas pelos indivíduos em um contexto histórico e cultural específico. Por meio desses elementos, homens e mulheres se reconhecem, aderem a símbolos e rituais, e têm suas opiniões e sentimentos políticos mobilizados. Além disso, essas referências orientam suas ações políticas, fornecendo-lhes visões de mundo, interpretações do passado, projeções para o futuro e concepções de uma sociedade ideal. Bernstein (1968) aponta que

A cultura política [constitui] um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama. Se o conjunto é homogêneo, as componentes são diversas e levam a uma visão dividida do mundo, em que entram em simbiose, uma base filosófica ou doutrinária, a maior parte das vezes expressa sob a forma de uma vulgata acessível, ao maior número, uma leitura comum e normativa do passado histórico com conotação positiva ou negativa, com grandes períodos do passado, uma

visão institucional, que traduz o plano da organização política do Estado os dados históricos e filosóficos precedentes, uma concepção da sociedade ideal tal como veem os detentores dessa cultura e, para exprimir o todo, um discurso codificado em que o vocabulário utilizado, as palavras-chave, as fórmulas repetitivas são produtoras de significação, enquanto ritos e símbolos desempenham, ao nível do gesto e da representação visual, o mesmo papel significante (Berstein, 1968, p. 350-351)

A cultura política é um conjunto coerente de elementos interligados que moldam a identidade dos indivíduos que a compartilham. Apesar de homogênea, ela é composta por diversas visões do mundo, integrando filosofia, memória histórica, concepções institucionais e ideais de sociedade. Essa cultura se expressa por meio de discursos codificados, vocabulário específico, ritos e símbolos. Nesse contexto, ela desempenha um papel crucial na formação da consciência política dos indivíduos e grupos, influenciando como estes se posicionam em relação ao poder e às instituições. Berstein (1968) destaca a interação entre elementos estruturais e simbólicos da cultura política.

O autor sugere que esses elementos funcionam como mediadores entre o indivíduo e o sistema político, ajudando a construir narrativas que legitimam ou contestam o *status quo*. A visão normativa do passado histórico, por exemplo, é frequentemente instrumentalizada por lideranças e movimentos políticos para moldar identidades coletivas e mobilizar apoio em torno de projetos específicos. Da mesma forma, símbolos, ritos e discursos codificados atuam como ferramentas para a consolidação de uma cultura política hegemônica ou para a resistência a ela.

Destarte, entendemos que o bolsonarismo possui características de uma cultura política, sendo analisado sob a ótica de Almond, Verba e Bernstein. Os elementos mobilizadores utilizados dentro do fenômeno político brasileiro, tais como o anticomunismo, a luta contra “o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo” (Bolsonaro, 2017, p. 8), como destaca Bolsonaro em seu próprio plano de governo para concorrer à presidência pela primeira vez em 2017, intitulado “Projeto Fênix”. Esses elementos já estão consolidados por grupos de espectro político voltado para as direitas, que, além de um inimigo em comum, também têm a necessidade de um líder messiânico, uma espécie de salvador. Isso se dá, devido

a construção dessa figura, em certa parte, messiânica, pressupõe necessariamente o seu contrário, ou seja, a figura de um ou mais inimigos que normalmente são representados pelos comunistas (Girardet, 1987, p. 8)

Nesse sentido, o bolsonarismo pode ser compreendido como uma manifestação específica de cultura política que se estrutura em torno de elementos simbólicos, narrativos e práticos que mobilizam determinados segmentos da sociedade. Esses elementos estão ancorados em uma visão de mundo que busca reafirmar valores tradicionais, promovendo um discurso polarizador entre “nós” e “eles”. Essa dinâmica, conforme apontado por Raoul Girardet (1987), é central para a construção da liderança messiânica, onde o líder se apresenta como redentor das ameaças que o inimigo – real ou imaginado – representa para a sociedade. Ao buscar entender o bolsonarismo enquanto um elemento da cultura política brasileira, significa “compreender as motivações que levaram o homem a adaptar este ou aquele comportamento político” (Berstein, 1968, p. 359).

Entretanto, é válido ressaltar que esses elementos, tal como o anticomunismo, fazem parte de um imaginário político e social. Bronislaw Baczko busca evidenciar como o imaginário social se desenvolve como um fenômeno abrangente na vida social, indo além do domínio das belas-artes, que costumava ser seu principal contexto. As bases do imaginário o situam no âmbito dos mitos e rituais, frequentemente se entrelaçando com o “sagrado”. Esse imaginário é formado por heranças simbólicas que se manifestam em textos, rituais, monumentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros meios. Esses elementos atuam como disparadores para evocar significados vinculados ao passado. Baczko (1985) comenta que a “instalação do poder estatal, nomeadamente o poder centralizado, e com a relativa autonomia a que acede o domínio político, é que as técnicas de manejo dos imaginários sociais se (des)ritualizam, ganhando em autonomia e diferenciação” (Baczko, 1985, p. 300).

O referido fenômeno político brasileiro também possui características próprias, que foram adquirindo com o passar dos anos. O forte discurso anti petista faz parte da identidade bolsonarista como imaginário político, sendo este um

elemento pertencente à cultura política do bolsonarismo para mobilizar sua base eleitoral contra um oponente político. Apesar de não ter criado este termo, Bolsonaro e seu eleitorado carregam consigo o lema de combate ao Partido dos Trabalhadores (PT), com *slogans* como: “PT nunca mais” e até associação do rival político a um “partido das trevas”⁴, partindo do próprio Bolsonaro. José Murilo de Carvalho destaca que “por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações e o medo de um povo” (Carvalho, 2017, p. 11).

O discurso antipetista foi utilizado de forma entrelaçada ao anticomunismo. Parte da sociedade brasileira, pelo menos os entrevistados para a pesquisa do Datafolha, apontou que cerca de 52% dos entrevistados acreditavam que o Brasil corre risco de se tornar um país comunista sob o governo de Luís Inácio Lula da Silva⁵. Esse cenário revela como o bolsonarismo construiu e consolidou um imaginário político pautado na oposição ao PT e ao comunismo, articulando elementos históricos e emocionais que mobilizam amplos segmentos da sociedade. O antipetismo e o anticomunismo são apresentados como ameaças existenciais à identidade nacional, valores tradicionais e liberdade individual, reforçando uma narrativa de “salvador *versus* inimigo”, central para o imaginário político bolsonarista.

Além disso, o discurso adapta temas históricos do anticomunismo brasileiro, como o medo da subversão e da perda de valores morais, para um contexto contemporâneo, utilizando ferramentas digitais e redes sociais para amplificar sua mensagem. Essa estratégia cria um senso de urgência e de mobilização constante entre seus apoiadores, reforçando a necessidade de um líder forte para proteger a nação das supostas ameaças. Essa construção se insere em uma tradição mais ampla de clivagens sociais e culturais que, como destacado por Almond e Verba (1989), têm impactos

⁴ Bruno, Cadu. Metrôpoles: “PT nunca mais”: no Rio, Bolsonaro chama a sigla de “partido das trevas”, 18 de out. 2022. Acesso em 21 de nov. 2024. Disponível em: <https://www.metrôpoles.com/brasil/eleicoes-2022/pt-nunca-mais-no-rio-bolsonaro-chama-sigla-de-partido-das-trevas>.

⁵ G1. 52% acham que o Brasil corre risco de virar comunista; 42% discordam, diz Datafolha, 01 de jul. 2023. Acesso em 21 de nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/07/01/datafolha-comunismo-ditadura.ghtml>

profundos na estabilidade e funcionalidade do sistema político, seja reforçando alianças ou ampliando divisões dentro da sociedade.

Analisando os discursos de Bolsonaro como deputado federal, no final dos anos 1990, vê-se uma retórica que faz com que ele ganhe terreno no campo mais radical, que se opõe à democracia, apresentando-se como um político antissistema. Em meados de 2010, Bolsonaro começou a ganhar projeção em programas de humor, como o “Custe o que Custar” (CQC), da rede Bandeirantes. De forma muito engenhosa, Bolsonaro compreendeu que programas como o “CQC”, “Superpop”, “Pânico” e entre outros, conseguiam engajamentos com suas ideias consideradas ultrajantes, apostando em um ator político antissistema e reproduzindo *fake news*, como é o caso do “kit gay”, por exemplo. Berstein (1968) aponta que “não se poderia subestimar o papel dos *media*, em especial audiovisuais, nessa difusão de representações normalizadas que é uma cultura política” (Berstein, 1969, p. 357).

Bolsonaro utilizou de forma coesa os meios televisivos de humor e as redes sociais como seu principal disseminador de informações, espalhando suas ideias políticas através desse espaço, disseminando diversas informações, inclusive, informações falsas. Nesse sentido, entendemos, como destacam Márcio Acselrad e Gabriela Dourado, que “o humor pode ser manipulado, usado como uma forma de alienação da sociedade, fazendo-a rir de casos sérios que, em verdade, deveriam ser combatidos” (Acselrad; Dourado, 2009, p. 128). “Enquanto publicidade é a arte de vender por anúncios, Bolsonaro e seus seguidores fazem *marketing*: conhecem os comportamentos dos seus eleitores” (Cioccarri, Persichetti, 2018, p. 69).

Bolsonaro raramente era confrontado nesses programas, e quando acontecia, o objetivo não era levar o assunto para o debate e esclarecer as coisas, mas sim, aumentar a temperatura da polêmica. Isso também aconteceu na paródia “Bolsonabo”, de Márvio Lúcio, o Carioca, no programa de humor “Pânico”, em que o termo “Mito” em associação a Bolsonaro foi visto como algo positivo em favor do então deputado federal. A forma como o personagem “Bolsonabo” atuava na paródia, diante de um grande público nas ruas, foi algo que colocava o personagem e o próprio

Bolsonaro, como ator político, mais próximo das pessoas, ficando mais acessível transmitir suas ideias ultrajantes e às vezes até radicais, e nessa linha, Acsehrad e Dourado entendem que “a estética do grotesco permite grande identificação do espectador com o que é transmitido” (Acsehrad; Dourado, 2009, p. 129).

Destacamos brevemente a trajetória de Jair Bolsonaro e suas aparições nos canais televisivos, para demonstrar que suas ideias já eram propagadas por ele mesmo e posteriormente pela própria mídia antes mesmo de sua candidatura para presidente em 2017. Em 2016, viralizou seu discurso de votação em favor do *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff (PT). A menção feita por Bolsonaro, entoando as seguintes palavras: “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim”⁶, foi mais uma demonstração de suas ideias ultrajantes, fazendo alusão à Ditadura Militar.

No Plano Fênix, projeto apresentado por Bolsonaro em 2017 ao concorrer à Presidência pela primeira vez, o ex-presidente acusa a esquerda de doutrinar ideologicamente as pessoas, insinuando que as Forças Armadas tiveram sua imagem atacada por grupos de esquerda: “Dentre instituições, grupos, pessoas ou atividades, que tiveram sua imagem atacada pela doutrinação ideológica de esquerda, certamente as Forças Armadas do Brasil estão entre as que mais sofreram” (Bolsonaro, 2017, p. 33). Ainda no plano de governo, Bolsonaro enaltece o papel das Forças Armadas brasileiras na luta da Segunda Guerra Mundial, e, por fim, aponta que os militares salvaram o Brasil de uma “revolução comunista”, em 1964, fazendo alusão à ditadura militar.

Saliente-se que as Forças Armadas do Brasil tem uma História que nos orgulha. Por exemplo, heróis brasileiros lutaram contra o Nacional Socialismo na Segunda Guerra Mundial. Fomos o único país da América Latina a lutar contra os Nazistas. Posteriormente, outros heróis impediram a tomada do poder por forças de esquerda que planejavam um golpe

⁶ BBC News. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarecidos’ e leva OAB a pedir sua cassação, 19 de abr. 2016. Acesso em 29 de nov. 2024. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb

comunista no Brasil em 1964, conforme o editorial: Julgamento da Revolução – O GLOBO, 7 de outubro de 1984 (Bolsonaro, 2017, p. 33)

Nota-se, portanto, que Bolsonaro nega a ditadura militar, alegando que houve uma revolução, negando um fato ocorrido historicamente. O negacionismo foi um ato contundente dentro do bolsonarismo, desde o científico, como ocorreu na pandemia de COVID-19, ao negacionismo histórico. Vale ressaltar que, mesmo antes de se tornar candidato à Presidência, Bolsonaro alegou em uma proposição que “a mídia e os livros didáticos são apresentados como ‘inimigos’ que deformam, distorcem e falseiam os fatos. Para os negacionistas, quem nega é sempre o outro” (Bauer, 2024, p. 11). As ideias propagadas por Bolsonaro, com uma retórica radical e com um discurso de “nós” contra “eles”, além do negacionismo, que veio também ao negar os resultados da eleição de 2022, em que o ex-presidente acaba perdendo, levaram grande parte de seu eleitorado a crer no discurso negacionista de Bolsonaro.

Essa conjuntura contribuiu para uma tentativa de golpe de Estado no Brasil anos depois, no dia 8 de janeiro de 2023. Vê-se então, as ideologias propagadas na retórica bolsonarista sendo postas em prática, levando a uma radicalização de parte fanática do seu eleitorado. O bolsonarismo também possui mitos, ritos e uma uniformização específica, ou pelo menos aderiu a ela, que é o caso da camisa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), utilizada pela seleção brasileira de futebol. No próximo e último tópico, iremos abordar essas matrizes, como características que condizem com o imaginário político, um elemento da cultura política. Rodrigo Motta assinala que “o imaginário político pode ser considerado como um dos elementos constituidores da cultura política” (Motta, 1996, p. 98).

4. A simbologia do bolsonarismo

O movimento, analisado como elemento da cultura política, fornece símbolos, ritos e um imaginário político para a sociedade, apesar de não ser completamente original, como é o caso do uso do anticomunismo que foi utilizado veementemente durante a campanha e o governo de Bolsonaro. O anticomunismo não é propriamente algo exclusivo do fenômeno político contemporâneo, tanto que tivemos duas grandes ondas do fenômeno anticomunista, na década de “1935/37 e

1961/64, marcos das duas grandes ondas anticomunistas ocorridas no Brasil” (Motta, 2000, p. 174), como destaca Rodrigo Motta em sua tese de doutoramento intitulada *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. A Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado, fez uso fortemente do anticomunismo na década de 1930, caracterizando-se “por enfatizar a propaganda anticomunista” (Motta, 2000, p. 207).

Os integralistas também utilizavam um discurso que pode ser visto dentro do bolsonarismo, como o lema “Deus, pátria e família”. Esse lema, resgatado e amplamente difundido pelo bolsonarismo, remete à valorização de uma identidade nacionalista e conservadora, que busca reafirmar os valores tradicionais em contraposição às mudanças sociais e políticas vistas como ameaças à ordem estabelecida. Assim como os integralistas, o bolsonarismo também utiliza o discurso religioso para legitimar suas ações e propostas, colocando a fé cristã como um pilar central de sua narrativa política. Bolsonaro apenas estendeu o lema, acrescentando “liberdade”, para tentar diferenciar os camisas verdes.

A ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Bolsonaro, Damare Alves (Republicanos), em entrevista à Globo, disse:

movimento integralista, pelo que conheço, defende Deus, pátria, família e essa é a minha bandeira. Eu sou religiosa, sou cristã, sirvo a um Deus vivo e poderoso. Pátria, eu amo esta nação. Você sabe disso, o que eu faço pelo meu país? Eu oro pela minha nação desde os seis anos de idade.

Para completar, Alves relatou: “esse movimento (integralista) se identifica comigo porque as minhas pautas são muito parecidas com as deles”⁷.

Vale ressaltar que o Integralismo é conhecido como um movimento de inspiração fascista. No cruzamento entre passado e presente, a memória é evocada e renovada. O interdiscurso – exemplificado aqui pelo discurso já articulado pelos camisas-verdes (membros da AIB) – permeia, influencia e molda as expressões dos

⁷ Damare diz se identificar com movimento inspirado no fascismo. O Globo, n. 32558, 27/09/2022. Política, p. 10, 27 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/657096/noticia.html?sequence=1&isAllowEd=y>. Acesso em 21 de janeiro de 2025

camisas verde-amarelas (designação que pode ser dada aos apoiadores do presidente Bolsonaro). Esse enunciado interdiscursivo infiltra-se, portanto, através da memória discursiva, no intradiscurso, manifestando-se no que é dito de forma contemporânea e linear.

Dessa forma, podemos notar a continuidade de um movimento com elementos fascistas dentro do bolsonarismo, assim como nota-se também o uso de uma vestimenta específica de boa parte do eleitorado de Bolsonaro, que entra no campo da simbologia. Seus eleitores apropriaram-se da camisa da Confederação de Futebol Brasileira (CBF), camisa popularmente reconhecida pelo uso dos jogadores da seleção brasileira. Por exaltar, ao menos em alguns discursos, o patriotismo, Bolsonaro apropriou-se da camisa da seleção como um símbolo político. O uso das camisas verde-amarelas ocorreu antes do bolsonarismo no cenário político brasileiro, em um momento em que pessoas foram para as ruas em atos de manifestações, destacando o patriotismo e tentando se desvincular de partidos políticos.

De acordo com o sociólogo Michael Pollak (1992), é necessário ressaltar que os símbolos desempenham um papel significativo nos movimentos autoritários, pois desempenham várias funções que contribuem para a coesão interna, a identidade coletiva e a comunicação eficaz. “Símbolos proporcionam uma identidade visual única e distintiva para o movimento. Eles ajudam a criar um senso de unidade entre os membros, proporcionando um elemento comum que os conecta” (Lopes Silva, 2024, p. 8). No Integralismo, a simbologia era muito importante para o movimento, como a própria camisa verde que gerava um sentimento de agregação (Caldeira Neto; Gonçalves, 2020). Sendo assim, podemos entender que

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si. (Pollak, 1992, p. 204)

É notório o uso massivo das camisas da CBF em meados de 2014, durante atos contra o governo de Dilma Rousseff (PT), em que os manifestantes utilizaram os símbolos para contrariar as cores vermelhas do Partido dos Trabalhadores (PT).

Porém, apesar da ideia de se desvincular de partidos políticos, em meados de 2017, quando Bolsonaro se tornou candidato à presidência da República, isso mudou. Inclusive, os invasores que atacaram a Praça dos Três Poderes no dia 8 de janeiro de 2023, em sua maioria, estavam trajados com a camisa da seleção brasileira de futebol. Em 2024, numa mostra do museu da Fifa em Zurique, na Suíça, havia duas coleções de camisas da seleção brasileira, contando com a seguinte descrição:

Novas gerações e contextos trazem novos significados a cores. Na Copa América de 2019, a icônica camiseta amarelo-canarinho do Brasil foi substituída pela edição comemorativa do histórico conjunto branco e azul, enquanto levavam o título para casa. Em anos recentes, o distintivo conjunto brasileiro amarelo e verde se confundiu com a política ao passo que a camisa foi apropriada por apoiadores do ex-presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro.⁸

O uso das cores verde-amarelas também foi utilizado para fazer uma oposição frente ao Partido dos Trabalhadores, que visualmente utiliza a cor vermelha em bonés, camisetas, entre outros. A cor vermelha e o PT foram associados ao comunismo de forma enfática por Bolsonaro e seu eleitorado, sendo vistos como algo a ser combatido. Beatriz do Vale (2023) destaca que

considera-se que o comunismo, que justapõe-se em equivalência a Lula, ao PT e à esquerda de modo generalista, é o inimigo da nação para o bolsonarismo, isto é, a ameaça que impossibilita a plenitude da nação (Vale, 2023, p. 85)

Com isso, o bolsonarismo não só ressignificou a simbologia da camisa verde-amarela, como também reforçou uma identidade política pautada no anticomunismo e no nacionalismo exacerbado. A apropriação de símbolos nacionais, como a camisa da seleção brasileira, torna-se, portanto, um elemento central na construção do imaginário político bolsonarista, onde o patriotismo e a oposição ao comunismo são apresentados como valores essenciais para a defesa da nação.

Essa simbologia serve como um poderoso instrumento de mobilização, consolidando uma identidade coletiva entre seus apoiadores e demarcando um campo

⁸ Fifa diz que “extrema-direita” se apropriou de camisa do Brasil, 29 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/fifa-diz-que-extrema-direita-se-apropriou-de-camisa-do-brasil/>. Acesso em 21 de janeiro de 2025.

ideológico claro. Ao mesmo tempo, reflete a continuidade de práticas discursivas e simbólicas que dialogam com movimentos históricos de extrema direita no Brasil, atualizando seus significados para o contexto contemporâneo. Dessa forma, o bolsonarismo, ao se apropriar de símbolos nacionais e resgatar discursos do passado, estabelece uma narrativa que busca legitimar seu projeto político, reafirmando a luta contra um inimigo comum e reforçando a ideia de pertencimento a uma causa maior, em defesa de “Deus, pátria, família e liberdade”.

Portanto, além de ser um instrumento de mobilização, essa simbologia dentro da cultura política do bolsonarismo gera uma espécie de identidade que dá um certo sentimento de unidade para seu eleitorado, se conectando diretamente ao mito da unidade, abordado por Girardet (1987), pois busca construir a ideia de uma nação coesa, unificada em torno de valores conservadores e patrióticos. No entanto, essa narrativa, ao excluir e deslegitimar vozes divergentes, revela os limites e os perigos dessa “unidade”, que frequentemente se transforma em instrumento de divisão e polarização social.

5. Considerações Finais

O presente artigo buscou analisar o conceito de bolsonarismo a partir de uma perspectiva teórica e histórica, considerando as formulações de autores como José D’assunção Barros e Reinhart Koselleck. Ao longo do texto, ficou evidente que o bolsonarismo, embora associado ao governo de Jair Bolsonaro (2018-2022), transcende esse período, sendo enraizado em discursos e práticas políticas anteriores, notadamente desde os anos 1990. A análise apontou que o bolsonarismo pode ser entendido como uma expressão da cultura política brasileira, configurando-se como uma força política de extrema direita com traços característicos como o anticomunismo, o militarismo e o anti-intelectualismo. Além disso, o artigo evidenciou que o conceito de bolsonarismo, ainda em construção e debate na Academia, pode ser utilizado como uma ferramenta analítica para compreender o fenômeno em sua complexidade e pluralidade.

As aproximações com o fascismo histórico, embora não centrais ao foco deste estudo, também foram discutidas, sugerindo novas possibilidades de pesquisa e reflexão. Conclui-se que a compreensão do bolsonarismo como uma conjuntura de ideologias políticas e culturais de extrema direita é fundamental para a análise do cenário político brasileiro contemporâneo. Essa abordagem permite reconhecer tanto a continuidade histórica das ideias propagadas por Bolsonaro quanto a especificidade de sua mobilização política nos últimos anos. Assim, este artigo contribui para o entendimento do bolsonarismo não apenas como um fenômeno político pontual, mas como parte de uma dinâmica mais ampla e persistente da cultura política no Brasil.

A análise da cultura política, especialmente sob a ótica de autores como Almond, Verba e Berstein, permite compreender como os valores, crenças e práticas influenciam o comportamento político e moldam as dinâmicas de poder dentro de uma sociedade. O conceito de “cultura cívica”, com sua combinação de elementos participativos, parciais e passivos, destaca a complexidade da interação entre os indivíduos e o sistema político, sendo essencial para a estabilidade e funcionalidade das democracias. Ao longo deste estudo, observamos como o bolsonarismo se configura como uma manifestação específica de cultura política no Brasil contemporâneo.

Elementos como o anticomunismo, o antipetismo e a construção de uma liderança messiânica são centrais para a mobilização de determinados segmentos da sociedade. Essas narrativas e práticas não apenas reforçam uma visão polarizada do mundo, mas também consolidam uma identidade coletiva que se opõe a inimigos percebidos, reais ou imaginários. Além disso, a análise das estratégias de comunicação e mobilização utilizadas por Bolsonaro e seus seguidores, como o uso de humor, *fake news* e símbolos culturais, revela a sofisticação com que o imaginário político é manipulado para atingir e mobilizar as massas.

A apropriação de elementos do imaginário social, como a camisa da CBF, exemplifica como símbolos e rituais podem ser instrumentalizados para reforçar uma identidade política específica. Por fim, a tentativa de golpe de Estado em 2023 é um

reflexo alarmante das tensões e divisões fomentadas por essa cultura política. A radicalização de parte do eleitorado bolsonarista demonstra os perigos de uma retórica que glorifica a ditadura e combate inimigos ideológicos, promovendo uma visão distorcida da realidade. Compreender esses fenômenos é crucial para desenvolver estratégias que fortaleçam a democracia e promovam uma cultura política mais inclusiva e pluralista.

Em síntese, o bolsonarismo se configura como um movimento político que, ao utilizar estratégias discursivas e ferramentas digitais, constrói uma identidade coletiva centrada na polarização da sociedade. A construção do inimigo externo, como o “comunismo” ou os valores progressistas, se torna um eixo mobilizador para fortalecer uma base de apoio engajada, capaz de atuar tanto nas redes sociais quanto na esfera pública. Ao adotar elementos de culturas políticas conservadoras e autoritárias, o bolsonarismo não apenas resgata discursos do passado, mas também se reinventa, criando um novo espaço de atuação política que se adapta aos avanços tecnológicos e à dinâmica comunicacional do mundo contemporâneo.

O uso de narrativas simplificadas e polarizadas visa a construção de uma luta em defesa de valores considerados tradicionais e a resistência a transformações sociais promovidas por movimentos progressistas, revelando a continuidade de tensões políticas profundas no Brasil. Dessa forma, o bolsonarismo reafirma a persistência de visões conservadoras e autoritárias na política nacional, consolidando-se como um fenômeno que precisa ser compreendido dentro de um contexto maior de transformações ideológicas e estratégias de mobilização política.

A relevância e a importância deste artigo residem em sua análise crítica do fenômeno do bolsonarismo, especialmente no que se refere ao uso de narrativas polarizadas, à construção de uma identidade coletiva e ao aproveitamento das ferramentas digitais para consolidar sua base de apoio. O estudo não apenas oferece uma compreensão das estratégias discursivas e políticas utilizadas por este movimento, mas também revela como ele se adapta às novas formas de comunicação e se insere em uma tradição histórica de culturas políticas conservadoras e autoritárias

no Brasil. Ao explorar a dinâmica entre passado e presente, o artigo ilumina o papel central das redes sociais e das plataformas digitais na disseminação de ideologias, destacando seu impacto na política brasileira contemporânea.

Além disso, a importância desse trabalho está em evidenciar o modo como o bolsonarismo se posiciona contra movimentos progressistas e as políticas afirmativas, propondo uma visão de sociedade que busca a preservação de valores considerados tradicionais, como forma de resistência a mudanças sociais. O artigo contribui para o entendimento das continuidades e rupturas nas culturas políticas brasileiras, trazendo à tona um debate fundamental sobre os rumos da política nacional e os desafios que a democracia enfrenta diante de movimentos que se baseiam em uma visão de mundo polarizada e conservadora. Esse estudo, portanto, é fundamental para aprofundar a compreensão do cenário político atual e os elementos que moldam o comportamento eleitoral e a cultura política no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Márcio; DOURADO, Gabriela Sampaio. O humor corrosivo dos meios e a política: o CQC vai ao Congresso Nacional. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 39, ago., 2009.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The Civic Culture**: political attitudes and democracy in five nations. Princeton: Princeton University Press, 1963.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund et al. **Anthropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BARBOSA, J. R. Bolsonarismo, mitos e mitologias políticas: direita radical e a apologia à intervenção militar. In: BARBOSA, J. R.; HERNÁNDEZ, O. A. P. (Org.). **Extremismos políticos e direitas**: Bolsonaro, Trump e a crise das “democracias”. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 35-68, 2022.

BARROS, José D’Assunção. **Os conceitos**: seus usos nas ciências humanas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

BAUER, Caroline Silveira. Jair Messias Bolsonaro e suas verdades: o negacionismo da ditadura civil-militar em três proposições legislativas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 8, 2024.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. **Por uma história cultural**. Lisboa: Estampa, p. 349-363, 1998.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A política e o espetáculo em Jair Bolsonaro, João Doria e Nelson Marchezan. **Imagofagia: Revista acadêmica de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual**, Buenos Aires, n. 18, p. 54-84, out., 2018.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

JESUS, Juciane et al. Tradições de pensamento anticomunista: as teorias da conspiração e o modus operandi do golpismo em grupos bolsonaristas do telegram. **Revista Internacional da academia paulista de direito**, n. 13, 2024.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. **Anais do X Encontro Regional de História - ANPUH - MG**, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). **Culturas políticas na história: novos estudos**. Belo Horizonte, MG. **Argumentvm**, p. 13-39, 2009.

MUDDE, Cas. **A extrema direita hoje**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2022.

NUNES, Ricardo Antonio Souza. As direitas e o anticomunismo no Brasil. **Locus (UFJF)**, Universidade de Juiz de Fora, v. 10, p. 79-97, 2005.

NUNES, Rodrigo. A palavra e a coisa: bolsonarismo como convergência, horizonte, ecologia e máquina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 2024.

SECCO, Lincoln. O bolsonarismo no Brasil. **Relações Internacionais**, n. 73, p. 41-52, Instituto Português de Relações Internacionais, Universidade Nova de Lisboa, mar., 2022.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Como (não) fazer um golpe de estado no Brasil: uma história interna do 8 de janeiro de 2023**. Recife: Edupe, 2023.

SILVA, Gabriel Lopes. O carisma de Jair Bolsonaro: análise de um fragmento do bolsonarismo. **Revista Escrita da História**, 2024.

SILVA, Gabriel Lopes. Plínio Salgado, o líder messiânico: análise do Integralismo brasileiro a partir de mitos e mitologias políticas. **Revista Eletrônica Discente do Curso de História – UFAM**, v. 8, 2024.

Revista Espacialidades [online]. 2025.1, v. 21, n. 1, ISSN 1984-817X

[414]

VALE, Beatriz Franco Pereira do. **A apropriação de símbolos nacionais pelo bolsonarismo:** uma análise de discurso sobre os 7s de Setembro no Governo Bolsonaro. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pelotas, 2023.